
RESENHA BIBLIOGRÁFICA

THE RE-EMERGENCE OF SMALL ENTERPRISES. INDUSTRIAL RESTRUCTURING IN INDUSTRIALISED COUNTRIES*

Franklin Dias Coelho**

O interesse pelas médias e pequenas empresas (MPES) tem se renovado em função do processo de reestruturação econômica, sugerindo um debate sobre a natureza da maior participação deste setor na criação e geração de emprego.

Entretanto, tem permanecido a dúvida sobre em primeiro lugar, se esta maior participação é real e confirmada por evidências empíricas, e, em segundo lugar, se o ressurgimento das MPES é de natureza anticíclica ou haveria uma tendência ao deslocamento da produção e emprego para as unidades de pequeno porte. Os autores propõem, em sintonia com este debate, uma análise comparativa dos países industrializados, apresentando estudos de caso dos seis maiores países industrializados — França, República Federal da Alemanha, Itália, Japão, Grã-Bretanha e Estados Unidos — e um capítulo-síntese introdutório, sobre desenvolvimento nas estruturas e organizações de pequenas e médias empresas.

Estes estudos fazem parte do projeto lançado em 1986 pelo Instituto Internacional de Estudos do Trabalho (IILS) no âmbito do

* Editado por Werner Sengenberger, Gary W. Loveman e Michael J. Piore. *International Institute for Labour Studies. Genebra, 1994.*

** Professor da UFF e organizador do Livro "Projeto Nacional de Micro e Pequenas Empresas", SERE/FES, 1995, Rio de Janeiro.

Programa de Nova Organização Industrial. O projeto cobriu, ainda, três pequenos países: Suíça, Noruega e Hungria. Os relatórios destes últimos países não foram incluídos no presente volume; foram publicados na série de textos para discussão do ILS. As estatísticas relevantes encontradas para estes países, especialmente aquelas que se referem a aspectos quantitativos do desenvolvimento de pequenas firmas, são, contudo, apresentadas no capítulo introdutório.

Apesar das dificuldades metodológicas enfrentadas por um estudo comparativo de países diferentes, o trabalho documenta uma importante reversão nos tamanhos das unidades de negócios e apresenta uma explicação — do ponto de vista de contextos nacionais — para descrever esta mudança e suas implicações mais relevantes.

No centro deste estudo está a proposição de que, durante os anos 70, a tendência para escala maiores de organizações de negócios diminuiu e igualmente se reverteu na maior parte das nações industrializadas. De fato, hoje há uma maior proporção de trabalhadores empregados pelas MPES do que há dez anos. Os olhares marcadamente distintos dos projetos de inúmeras pesquisas recentes sobre MPES concentram-se principalmente nas pequenas firmas individuais. Contudo, para entender as peculiaridades do mundo dos pequenos negócios, para explicar seu desempenho e para extrair conclusões políticas adequadas nesta área, é essencial a ênfase em uma abordagem mais microscópica do papel das MPES dentro das maiores estruturas de organizações industriais, articulada com o processo de reestruturação industrial.

Pode ter parecido excêntrico ou absurdo quando, há uma década David Birch, do Massachusetts Institute of Technology (EUA), lançou a idéia do fortalecimento das pequenas empresas como a chave da recuperação econômica e um caminho para restabelecer o crescimento do emprego e combater o desemprego em massa. Hoje, esta visão parece muito menos forçada. Ao contrário, muitos observadores de diferentes tradições e orientações políticas abraçam a idéia, embora possam discordar sobre porque e como a expansão e o dinamismo de pequenas firmas têm surgido.

O capítulo introdutório começa, justamente, com Loveman e Sengenberger expondo como as MPES foram analisadas como um objeto marginal de pesquisa no interior das ciências sociais. Predominava a interpretação da evolução natural e inexorável da grande empresa, na qual os pequenos negócios eram considerados como um vestígio de um antigo período do desenvolvimento econômico.

THE RE-
EMERGENCE OF
SMALL
ENTERPRISES.
INDUSTRIAL
REESTRUCTURING
IN INDUSTRIALISED
COUNTRIES

Loveman e Sengenberger acompanham o debate que marca a mudança de olhar em direção às pequenas empresas, recuperando argumentos que questionam a lógica rígida das economias de escala. Sem negar que há certamente eficiência associada à escala da produção, registram que isto não implica concluir que há uma lei natural que inevitavelmente coloca dimensões ou tamanho de unidades de negócios como a raiz de uma *performance* econômica superior.

Os estudos de caso sobre os países industrializados mostram também as dúvidas de se assumir essa mesma positividade intrínseca à capacidade e flexibilidade das micro e pequenas empresas. As dificuldades metodológicas desta análise comparativa sugerem a necessidade de percorrer os dados de forma cautelosa e evitar as conclusões prematuras.

Os estudos de casos confirmam esta postura ao apresentar a dificuldade de compatibilização de dados em estudos comparativos das MPES de diversos países industrializados. O primeiro aspecto discutido nestes estudos é a imprecisão dos conceitos de pequenas e médias empresas. As diferenças encobrem uma grande heterogeneidade nos tipos de firmas. Os países estudados indicam que a definição, o conceito, e a tipologia de avaliação variam de um país para outro.

Uma outra questão levantada se refere à definição do tamanho da firma. A conclusão desenhada muitas vezes indica que será infrutífero ou sem sentido conduzir uma análise estatística comparativa do tamanho das empresas.

Apesar de inesgotáveis problemas encontrados com relação às medidas e à compatibilidade dos dados, o tamanho se mostra como um dos mais acessíveis indicadores da organização

produtiva dos países. Em vez de inquietações sobre o que é uma pequena firma, Loveman e Sengenberger procuram transformá-las no indicador de porque existem essas notáveis diferenças na distribuição de tamanho das microempresas, não somente na economia como um todo, mas em vários setores.

[F1] Comentário:

Acrescentam-se a estas variações internacionais de distribuição de tamanho das firmas as dificuldades de diferenciar o tamanho de firmas do de estabelecimentos, de classificar a distribuição de empregos em função do tipo de cobertura e frequência, ou ainda em termos de indicadores de remuneração e condições de trabalho.

Apesar das diferenças significativas entre os países na classificação por tamanho de empresa, os nove países estudados, tomados em conjunto, apresentam um convincente caso de mudança no emprego das pequenas unidades de produção. É importante notar que a elevação na oferta de emprego nas unidades de pequeno porte se deu tanto em países onde o volume geral de emprego cresceu (caso dos Estados Unidos e Japão), quanto na França, Alemanha e Grã-Bretanha, onde o volume de emprego total mostrou-se estagnado durante a maior parte do período.

Na verdade, os dados mostram que um comportamento da série temporal de participação de empregos em pequenas unidades tem seguido um padrão V, com o declínio iniciado a partir dos anos 50, que se estendeu até os anos 70, a partir do qual é revertido e torna a subir. O padrão V é evidente tanto para empresas e estabelecimentos como para o total da economia. O que é excepcional sobre esta descoberta é que o padrão de declínio e de crescimento é significativo e semelhante em uma larga amostra de países, setores, tamanho de distribuição e instituições.

As mudanças na distribuição da classificação por tamanho de empresa para toda a economia, entretanto, está influenciada significativamente pela recomposição setorial de empregos direcionada para os serviços, na qual o tamanho médio de empresas e estabelecimentos é menor no período mais recente. O caminho encontrado para examinar estas questões foi

decompor as variações agregadas em três partes: por setores (composições), por dentro dos setores, e um componente de interação. Estes cálculos foram realizados para três dos nove países estudados. No Japão (1973-1983) e França (1975-81), 75% e 45%, respectivamente, do incremento de emprego nas empresas estava atribuído às mudanças de composição setorial.

THE RE-
EMERGENCE OF
SMALL
ENTERPRISES.
INDUSTRIAL
RESTRUCTURING
IN INDUSTRIALISED
COUNTRIES

A transferência de empregos do setor manufatureiro para o de serviços é acompanhada no estudo de caso dos Estados Unidos. Os dados mais recentes dão conta de que as grandes empresas foram as maiores eliminadoras de emprego no período 1973-1988. Contudo, indicadores de tamanho por estabelecimento sugerem que o crescimento de emprego do setor das mpes não se dá apenas pelo efeito de recomposição setorial.

A existência de dados de empresas e estabelecimentos comparáveis, distinguindo unidades de produção de unidades proprietárias, é importante para trabalhar o tema da descentralização no interior de grandes empresas. O declínio de variações de emprego em grandes empresas não é suficiente para esclarecer esta questão, já que este é consistente com o número declinante cada vez maior de grandes estabelecimentos. Contudo, se a dinâmica de distribuição do volume de empregos em estabelecimentos e empresas na indústria favorece as unidades pequenas, então a hipótese de descentralização no interior do lucro das grandes firmas ganha crédito. Entretanto, para trabalhar esta hipótese conclusivamente, torna-se necessário obter dados do número médio de estabelecimentos por grandes empresas, mesmo se de outra maneira o verdadeiro resultado possa ser menor no agregado. O relatório britânico fornece estes números para mais de cem grandes firmas de 1970 a 1983. Os dados mostram um aumento do número médio de estabelecimentos por grande empresa e o declínio da média de empregos por estabelecimento, demonstrando, deste modo, a descentralização de grandes empresas no Reino Unido.

Por outro lado, a afirmação no sentido do processo de participação das mpes na geração de empregos vincular-se à tercerização é relativizada a partir da tendência apontada sobre as redes de novos empregos resultarem de um processo dinâmico de expansão e contração do interior do setor das mpes.

Dados dos relatórios de vários países sugerem que os ganhos de participação de empregos nas pequenas firmas devem ter vindo, em parte, da rede formada de novas firmas nos últimos anos.

Em suma, o estudo realça algumas questões que recomendam precaução na interpretação dos dados, ainda insuficientes para permitir uma análise empírica mais rigorosa que poderia ter domínio do ciclo de negócios, das recomposições setoriais, e calcular que parte da mudança para as pequenas unidades foi uma efetiva alteração da estruturação industrial. Estas deficiências não devem, contudo, implicar que nada de substantivo tenha acontecido.

Na verdade, o fato de que uma tendência de longo prazo em direção a grandes unidades tenha sido revertida em todos os nove países — cobrindo igualmente uma extensa faixa de tamanho de estruturas, instituições, *performance* de níveis de economia, etc. — sugere que algo verdadeiramente importante e fundamental tem ocorrido.

Além disso, o fato de a mudança para pequenas unidades ter coincidido com um período de recessão da economia não significa que as mudanças fizeram parte de um relação direta entre ciclo de negócios e tamanho da estrutura, apoiada pela permanência do regime de organização industrial. Muito pelo contrário, os tempos ruins são sintomáticos para as crises institucionais e fluxos, em que as mudanças no tamanho das estruturas de organizações de negócios foi uma parte importante.

Contudo, ainda que o maior peso das MPES no emprego total possa estar captando parcialmente uma mudança estrutural em determinadas direções, permanece a dúvida se este ressurgimento é de natureza anticíclica ou haveria uma tendência estrutural de aumento do peso relativo das MPES na economia. Os estudos parecem indicar que o crescente peso das MPES do ponto de vista da variável de emprego não resulta simplesmente de uma mudança setorial das economias modernas na direção do setor de serviços, nem tampouco do ciclo econômico.

Na realidade, o atual crescimento do emprego no setor de MPES resultaria, principalmente, de dois movimentos: a

desconcentração e integração vertical das grandes empresas e a intensificação do processo de formação de comunidades de pequenos produtores, seja sob a forma de distritos industriais ou outras aglomerações regionais de pequeno porte.

THE RE-
EMERGENCE OF
SMALL
ENTERPRISES.
INDUSTRIAL
RESTRUCTURING
IN INDUSTRIALISED
COUNTRIES

O estudo da Terceira Itália, apresentando o crescimento experimentado por regiões de cidades médias e de pequeno porte com florescimento de um setor competitivo de MPES, ou a experiência de desenvolvimento local na Alemanha com aumento cada vez maior dos municípios no *cultivo* de empresas, são exemplares para indicar a possibilidade da existência de políticas públicas territorializadas para apoiar o setor.

O estudos apresentados oferecem um instigante e profundo painel sobre o papel das MPES no atual processo de reestruturação da economia, acompanhando com dados comparativos os caminhos percorridos e os limites das análises atuais. Como os próprios autores sugerem, deve ser visto como uma investigação aberta de dados comparados internacionalmente, os quais oferecem um enorme potencial para percepção, compreensão e aprendizado, não somente para a comunidade de pesquisadores e estudiosos, mas para aqueles que interferem direta ou indiretamente na formulação de políticas públicas.